

A formação do analista entre a Psicanálise selvagem e a ortodoxia

Marcelo M. Barbosa Vieira

Todos que aqui tomaram para si o ofício da clínica, segunda a ética psicanalítica, sabem muito bem, ao pagarem com o preço do seu próprio ser, que a escuta de cada novo candidato à análise descortina diante de si um novo universo, uma entrada singular na linguagem, cuja a associação livre deve revelar e cuja a escuta flutuante, longe de ser uma atitude desinteressada, deve constituir o acompanhamento preciso de suas sinuosidades. Isto é, deixando de lado tudo que sabemos, e protegidos de querer enquadrar o que ouvimos em uma forma pré-estabelecida, a atitude de uma douda ignorância é a única capaz de dar cidadania àquilo de *mal dito* que se encontra na demanda de escuta, atribuindo-lhe a dignidade de um enigma que mereça ser desvendado. E isso leva tempo! Não apenas para que o analisando aí encontre os seus próprios termos, como também para que a transferência se estabeleça. Requisitos, sem os quais, pode se levantar todo tipo de resistência, o que Freud definiu como Psicanálise selvagem.

Ao tratar do caso de uma paciente que lhe procura depois ter ouvido uma interpretação precipitada de um jovem médico, diagnóstico que ele atribuiu às teses da psicanálise, sem, contudo, dominar a sua técnica, Freud é explícito em afirmar que muitas vezes isso não prejudica tanto os pacientes, mas sim a própria causa psicanalítica. Em suas palavras:

Frequentemente observei que um desses procedimentos inábeis, embora no início tenha provocado uma piora na condição do paciente, acabou por levá-lo à recuperação. Nem sempre, mas com frequência. Depois de xingar por algum tempo o médico e sentir-se a alguma distância de sua influência, o doente vê os sintomas cederem ou resolve dar um bom passo no caminho da cura. A melhora final ocorre então “por si mesma”, ou é atribuída a algum tratamento anódino de um médico ao qual o paciente se dirigiu depois. No caso da senhora que se queixou do médico, inclino-me a crer que, tudo somado, o psicanalista “selvagem” fez mais por sua cliente do que alguma prestigiosa autoridade que lhe dissesse que ela sofria de uma “neurose vasomotora”. Ele a fez voltar a atenção para os verdadeiros motivos de seu problema, ou para as proximidades desse, e, apesar da revolta da paciente, essa intervenção não terá ficado sem consequências positivas. Mas ele prejudicou a si mesmo e contribuiu para aumentar os preconceitos que, devido a compreensíveis resistências afetivas, os doentes nutrem em relação à atividade do analista. E isso pode ser evitado. (FREUD, 2013, p. 332-3.)

É este o motivo que o leva a fundar uma sociedade psicanalítica internacional, cujo principal intuito seria defender a preservação da letra da sua doutrina, garantindo assim a sua sobrevivência e expansão na sociedade. Começam aqui todos os impasses que a transmissão institucional da psicanálise enfrenta até os dias de hoje. Para Lacan: “Freud conseguiu o que queria: uma conservação puramente formal de sua mensagem, manifesta no espírito de autoridade reverente com que se efetuam suas mais evidentes alterações. Não há, com efeito, uma só balela proferida na

mixórdia insípida que é a literatura analítica que não tome o cuidado de se apoiar numa referência ao texto de Freud, de tal sorte que, em muitos casos, se o autor não fosse também um afiliado da instituição, não se encontraria outra marca da qualificação analítica de seu trabalho.” (LACAN, p. 459, 1998.) O formalismo que passa a constituir a formação do psicanalista desde então irá se fundar na identificação dos membros dentro de uma instituição, como cópias idênticas de um mesmo modelo, como veremos por exemplo na psicologia do ego, para a qual o fim ideal de uma análise seria a identificação do paciente com o ego do psicanalista. Se tal caminho terminou naquilo que Lacan define como uma *ortodoxia*, um rígido conjunto de regras, cujo objetivo era preservar a letra freudiana, por outro lado, ele soterrou a possibilidade de compreensão da experiência clínica, interpondo um hiato entre a teoria e a prática psicanalítica. Isto porque “*a ortodoxia não se sustenta pela doutrina, mas pela hierarquia com a qual ela garante a ignorância sobre o que habilita um analista, “o que é claramente ainda uma perspectiva eclesiástica” (Lacan, 1966/2007, p. 12). Ou seja, os analistas passam a se portar como cristãos que se agrupam em uma instituição que funciona como uma Igreja e se formam em uma doutrina da qual desconhecem o que a fundamenta.*” (CARNEIRO, p. 37, 2011.)

É a partir dessa crítica que o ensino de Lacan irá insistir no “*por de si*” que o trabalho psicanalítico exige, e cuja dificuldade de compreensão fazem parte do dia a dia de toda escola de psicanálise de orientação lacaniana, quando seus membros se veem diante de dispositivos de formação como o Cartel, seja em seu funcionamento, distinto que deve ser de um grupo de estudo, seja em sua finalização, cuja a apresentação de um texto se distingue de um trabalho acadêmico, visto não se tratar da exegese dos textos estudados, mas sim de um recorte, resto do desejo que atravessou esse estudo.

Não se produz um analista por demanda e sim por desejo, e isso é o que muitos dos que hoje se colocam como analistas não sabem diferenciar, a demanda “*quero ser analista!*” do desejo de analista. Um analista não é o sujeito, analista é uma função, mobilizada por um desejo específico. Uma demanda é alienada ao objeto, projeção fantasmática de completude. O desejo é um percurso que contempla a falta, remete ao vazio que funda a experiência humana. Enquanto desejo “*de analista*” ele evoca o desejo do outro. Retomando uma frase ouvida nessa instituição nos primeiros anos de formação, “*a função do analista é colocar o transatlântico do aparelho psíquico do analisando na direção do real*”. Por isso mesmo, longe de uma identificação com o “*ego forte*” do analista, um fim de análise é a destituição do lugar de suposto saber. Ao fim de uma análise, o analista é um resto que cai. Não porque se torne alguém insignificante, mas porque ele deixa de encarnar o *Outro*, para ser simplesmente o *outro*.

Em que momento estamos hoje? Em nosso país a psicanálise nunca esteve tão em evidência. Termos psicanalíticos já presentes há décadas na cultura encontram agora no atendimento clínico a

chance de uma experiência concreta com esse saber, ou pelo menos, essa é a esperança. Na prática a expansão do discurso psicanalítico na sociedade, tal como já alertava Lacan, tem vindo com o recalque de sua verdade. Chovem cursos de psicanálise, e pervertendo-se o “autorizar-se de si mesmo” lacaniano contra a ortodoxia, parecemos desembocar novamente na psicanálise selvagem. Cabe aqui um adendo.

Uma das traduções possíveis para a língua portuguesa do termo alemão “wild” é “silvestre” – aquilo que ocorre de forma espontânea, sem intervenção humana direta num determinado habitat. Em se tratando de um adjetivo para a psicanálise, podemos pensar na interpretação de uma fala ao acaso do entendimento de termos que não foram cultivados no trabalho da análise pessoal. O que ganhamos com isso? O selvagem, como o próprio Freud afirmava, ainda podia levar a um bom termo do tratamento, justamente pela sua falta de tato, como um animal não domesticado, ele assusta. Após Lacan o nosso risco é maior. Escondidos atrás do “autorizar-se de si mesmo”, saímos da linha de montagem da ortodoxia para vermos multiplicar aqueles cuja até a aparência de selvagem se furta ao olhar, regentes de uma salada de abordagens psicológicas, flores silvestres e até florais, cujo denominador comum só pode ser uma terapêutica, não uma psicanálise!

A psicanálise não promete o bem-estar, a psicanálise interroga o desejo. Trago um exemplo: Em meio a uma sessão o analisando relata uma fantasia que, segundo ele, trazia desde a adolescência. Se algum dia ele se tornasse muito rico, fosse pela sorte ou pelo esforço do seu trabalho, ele daria uma boa quantia em dinheiro para a pessoa que estivesse com ele para que ela não dependesse dele de modo algum, e que sua relação não sofresse o peso dessa influência. Pergunto então por que não outras possibilidades. Talvez tal pensamento tenha origem na ideia de se certificar que a pessoa realmente o deseja, no que ele consente. Poderia acontecer da admiração dessa pessoa por ele estar atrelada a uma qualidade que o levou a ganhar esse dinheiro, e nesse sentido, seria ele o objeto de desejo, e o dinheiro uma simples consequência. Ou então, caso ele quisesse se blindar de toda e qualquer dúvida, poderia simplesmente buscar alguém que já tivesse dinheiro. Ao ouvir essas ideias, completamente aleatórias de minha parte, ele se espanta e diz que não havia pensado nisso, mas agora que eu o havia ajudado a ampliar a sua visão, pergunta se o correto seria ele refletir sobre essas possibilidades para decidir o que era melhor. Nesse momento o espanto foi meu! O lugar no qual o analisando me convocava era justamente o de oferecer um conselho, o que me fez dizer rapidamente, “esse é o ponto! ”. Fosse eu um terapeuta do comportamento, eu poderia ajudá-lo a se orientar diante de novas perspectivas, mas a psicanálise considera o inconsciente, e por isso o que me interessava saber era: Por que essa fantasia e não outra? Por que diante de um universo de construções possíveis, e com toda a capacidade cognitiva para perscrutá-los, ele se enredava justamente nessa cadeia significativa? O que ele faria com isso só cabia a ele mesmo decidir.

Interessa ao psicanalista interrogar o desejo do analisando de novo, de novo e de novo, até que ele mesmo seja capaz de assumir essa tarefa interminável, como nos mostra um dos últimos textos de Freud, *Análise terminável e análise interminável*. No contexto de alguém que ao fim de sua análise de depare com o desejo de analista, ou seja, que se coloque na posição de ouvir não apenas o próprio inconsciente, mas também o do outro, não parece que esse desejo possa se sustentar de maneira solitária. “*Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época*” (LACAN, p. 322, 1998.). Ora, como é possível prescindir do olhar coletivo quando se trata de pensar a diversidade dos processos subjetivos do nosso tempo? É possível simplesmente copiar Freud, Lacan ou qualquer outro psicanalista do seu gosto? O paciente que Freud recebia na virada do século XIX para o século XX, e que ali chegava literalmente “doente” tamanho a carga dos desejos reprimidos, era ouvido seis vezes por semana durante 50 minutos, de segunda à sábado. Os pacientes de meados do século XX que procuravam Lacan, em uma época em que a Psicanálise já se encontrava difundida na sociedade francesa, se depararam com sessões de tempo variável, por vezes muito curtas, para que o essencial fosse logo dito e uma análise não fosse tomada ao sabor da moda, um lugar para contar histórias, assim como frequentamos um salão para cortar o cabelo. Quem bate em nossa porta nos dias de hoje? Iremos nos fechar nesses métodos? Seis encontros semanais para alguém que mal consegue dizer por que está ali, esvaziado diante do imperativo do gozo dos dias atuais? Ou então manda-lo embora, tão logo abra a boca, porque assim faz um verdadeiro analista lacaniano? Não importa o tempo, não importa o lugar, uma análise ocorre quando há um analista, e esse não se forma sozinho. Entre o solo não cultivado da psicanálise selvagem, ou sorrateiramente silvestre, e a linha de montagem de psicanalistas “certificados”, originais de fábrica, é preciso recuperar o trabalho artesanal, e a sua oficina é a Escola.

Outra frase que também ouvi nesses anos de APC. “Uma análise não progride quando o analisando melhora, mas sim quando deixa de repetir! ” Se isso traz alívio, e sabemos que muitas vezes o traz, esse é um efeito secundário. Um corte no significante abre caminhos, um corte no imaginário só faz aumentar as correntes que o sujeito arrasta. Como bem sabe aquele que trabalhou topologia, cortando e colando papel, vejam só, algo tão próximo do artesanato, cortar uma fita de moébius produzindo um cross-cap vem materializar as sutilezas da linguagem, permitindo que no fogo cruzado das interpretações, no testemunho constante de nossos colegas sobre a clínica, possamos encontrar o caminho pelo qual se esculpe a nossa própria escuta. Como ocorre no trabalho artesanal, mesmo quando se deseja reproduzir a mesma forma, não há peça que saia idêntica a outra, pois cada uma traz a marca do tempo humano de construção, com sua vontade, com seu cansaço e suas dores. Só é do eu aquilo que já doeu.

“Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo.” (LACAN, p. 460, 1998.) A Escola é o lugar do encontro entre aqueles que trilham esse caminho, onde se compartilha o testemunho de uma travessia, expressão prática do que a teoria generaliza como *autorizar-se*. Ou o tripé de formação se anela na fantasia neurótica, cujo delírio é a autossuficiência, ou então ele encara o não saber, caminho genuíno da construção de um estilo. Quem sabe que não sabe vai para a Escola! Por isso mesmo, o estilo de cada um só pode emanar de *si mesmo*, enquanto permanece atravessado por *alguns outros*. É precisamente nos impasses vividos diariamente no interior de uma instituição de psicanálise que se funda a possibilidade de sustentar o pensamento de Freud como rompimento com a razão tradicional, o reconhecimento de que o *eu* não é senhor em sua própria casa, o que faz da análise pessoal a garantia do “passe”. Lacan não disse por acaso, “Façam como eu, não me imitem”. Contra toda identificação, o verdadeiro testemunho de um saber do inconsciente só pode ser a afirmação da própria *diferença*, “e que jamais será interrompida, não sendo o fim da própria análise didática separável do engajamento do sujeito em sua prática.” (LACAN, p. 322, 1998.)

Bibliografia

CARNEIRO, Bernardo Micherif. “O que é um analista?” [manuscrito] : o analista entre a psicanálise e a instituição / Bernardo Micherif Carneiro. – 2011.

FREUD, Sigmund. *Sobre psicanálise “selvagem” (1910)*. In *Obras Completas*, Volume 9; tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

LACAN, Jacques. *Função e campo da fala e da linguagem*. In *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____, Jacques. *A psicanálise e seu ensino*. In *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.